

A CONSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL DA SUBJETIVIDADE E SUA INCIDÊNCIA ÉTICA SOBRE A CIÊNCIA EM E. HUSSERL

Dr. Rui Josgrilberg
Professor no Programa de Pós-graduação
em Ciência da Religião da UMESP

INTRODUÇÃO

A filosofia husserliana desenvolveu uma analítica da relação entre o ser humano e o mundo em um processo de elucidação das operações de constituição do próprio mundo e da subjetividade. Inerente aos atos de produção do conhecimento, através de múltiplos atos intencionais, constitui-se também o sentido de responsabilidade, em vários níveis. Emmanuel Lévinas tornou conhecida essa preocupação da essência responsável da subjetividade, ao mesmo tempo em que desenvolveu a idéia de uma filosofia primeira como ética, ambas de inspiração husserliana..

A filosofia para Husserl possui a seriedade de uma “ciência das ciências” (*Wissenschaftslehre*) um cometido filosófico alemão, um trabalho filosófico a ser desenvolvido em benefício da humanidade que não tem nada do superfluido que alguns atribuem ao labor filosófico. As operações de dar sentido e constituir o mundo de coisas (*Sachenwelt*), através de uma multiplicidade de atos intencionais, revelam, concomitantemente, um mundo de valores (*Wertwelt*), um mundo de hierarquia de bens (*Güterwelt*), e também o mundo é dado como mundo de nossa ação (*praktische Welt*).¹

A seriedade ética da filosofia foi para Husserl, desde a sua decisão de dedicar à tarefa filosófica, um legado perene de Brentano: a preocupação filosófica é, como foi para os gregos, ao mesmo tempo teórica, ética, prática. Com Brentano Husserl descobriu, muito cedo, a analogia nas estruturas teóricas do conhecimento, da ciência e da ética. Mais que analogia entre esses reinos ele aponta para a intersecção do conhecimento científico com a ética. Quando Husserl analisa a crise das ciências está tratando imediatamente da crise da ética e da humanidade e da cultura. O déficit de fundação da ciência não é apenas uma errância cognitiva, é um déficit ético. Mas a ética não pode ser de nenhuma ajuda à ciência se ela mesma carece da fundação que a conduz à ética. A crise das ciências a partir dos fundamentos é imediatamente a crise mesma da cultura.²

Husserl sonda as raízes da crise na falha da modernidade em constituir uma racionalidade ética (a razão, uma esfera de constituição lógica e independente de circunstâncias psicológicas de sua formação, possui incidência sobre valores que colocam o conhecimento no âmbito da ética) que dê direção ao edifício cultural e político do mundo. Como exemplo, sua oposição à *Realpolitik* alemã, que exalta o direito da força e impulso de um povo e uma política estruturada por tradições exaltadas de nacionalismo, e que tudo instrumentaliza para seus objetivos reclama o reconhecimento da responsabilidade social mais universal em relação à humanidade e de uma renovação moral inteligente por um retorno aos fundamentos. Lembramos que o retorno aos fundamentos na fenomenologia de Husserl é o oposto a todo princípio abstrato ou mecanismo

¹ Cf. Husserl, *Ideen I*, § 27, p. 50 (as citações dessa obra seguem a primeira edição das *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, Halle, Max Niemayer, 1913, Vol. I : “Assim quando a consciência se mantém atenta, eu me encontro continuamente e sem capacidade para mudar a relação – com um só e mesmo mundo, mesmo que variável quanto ao conteúdo. Ele não cessa de estar ‘presente’ para mim e eu me incorporo nele. Por isso, este mundo não está aí apenas como um mundo de coisas, mas na mesma imediatez, como mundo de valores, como mundo prático... Estes valores e estes aspectos práticos pertencem, a título constitutivo, aos objetos “presentes” em tanto que tais, quer eu me ocupe deles ou não ou me refira a eles como objetos em geral.”

² Cf. Cavalieri, Edebrande, *A via a-téia para Deus e a constituição de uma ética teleológica a partir do pensamento de Edmund Husserl*, Tese de Doutorado defendida no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, SBC, 2005.

causal a partir de particularidades. O retorno aos fundamentos, entendido em um de seus aspectos mais salientes, é o retorno a sua constituição primeira.

Essencial para nossa abordagem da questão é a compreensão de que a nossa relação com o mundo é marcada por uma progressiva participação ativa do ser humano na teleologia do mundo. Um dos componentes do conhecimento e da razão é justamente da apropriação prática dessa direção voltada para o futuro. A apropriação se insere na subjetividade inicialmente por constituição passiva, mas, progressivamente, alcança a área de autonomia do ser humano, incorporando o conhecimento e a prática na esfera da responsabilidade humana. A relação é dada como uma intencionalidade onde o objeto interpela com sua estrutura e move o sujeito a responder. A resposta é dada em um horizonte protencional que, necessariamente, inclui a constituição de uma subjetividade ética fundada na responsabilidade. “Mundo” constituído na subjetividade é um “mundo-projeto” com implicações éticas.

A constituição da subjetividade é também uma constituição, em diferentes níveis e camadas, que inclui a interação constante entre formações passivas e uma progressiva autonomia do sujeito. A estrutura da subjetividade responsável inclui modos específicos de motivação e o exercício da liberdade.³ A integração a partir de sínteses passivas e camadas pré-reflexivas de formação, componentes essenciais, foram deslocados para o centro dos escritos do último Husserl, onde se forma toda a base e idéia de um mundo vivido ou o *Lebenswelt*, um dos eixos da fundamentação da ciência e da compreensão ética da vida.

Com esse fundo, Husserl desenvolveu a idéia de que a ciência forma-se em relação com a responsabilidade pelo mundo, ou seja, podemos falar de uma preocupação fenomenológica por uma ciência responsável como um dos eixos permanentes da filosofia husserliana. A ciência responsável é uma tarefa que apresenta muitas camadas em sua constituição. A história da ciência revela que sempre houve, mal ou bem, preocupação ética com o conhecimento científico. A gravidade da crise das ciências deve-se, entretanto, à perda de suas dimensões mais profundas gerando uma fragmentação e relativização extrema, entregando a direção e decisões éticas a nichos controlados por interesses políticos e econômicos particulares. A questão envolve o sentido da razão e da ciência, bem como, a vocação da subjetividade responsável pela ciência e pela produção científica. Evidentemente, a preocupação husserliana não tem nada de retorno a antigos moralismos que tentaram bloquear, na história, o progresso da ciência.

A crise da ciência exclui de seu âmbito a decisão ética mais importante que fica delegada a instâncias outras que não a da própria subjetividade que a produz.. A redução da questão ética que envolve a ciência a reduz a uma preocupação meramente instrumental de interesses e poderes do sistema dominante da organização social do mundo. O testemunho de alguns dos criadores da bomba atômica e dos cientistas que serviram o nazismo revela o que a ciência pode fazer quando se aliena da responsabilidade do cientista. Numa época em que as possibilidades da ciência se multiplicaram geometricamente, o diagnóstico husserliano adquire proporções catastróficas globais. Ainda que a crítica husserliana à ciência européia tenha a sua localização interpretativa na Europa, o seu diagnóstico de crise a partir do mundo vivido permite uma visão universal.

Em síntese, Husserl vê a filosofia e a razão como serviço à vida em tempo de crise das ciências e dos fundamentos como uma crise ética, e tema da filosofia primeira.

A vida e a razão alcançam no ser humano uma dimensão de responsabilidade ética que deve ser assumida livremente. A teleologia e a normatização inclusas no processo mesmo de constituição funciona como interpelações no sentido de formar uma consciência ética responsável assumida livremente como quem toma progressivamente o leme de uma cultura eticamente fundada. O mundo teleologicamente orientado aparece como interpelação à consciência humana que, necessariamente, provoca uma resposta. A razão e a ciência revelam um mundo que continuamente escapa ao caos por uma projeção futura de caráter finalista. Essa disposição da razão e da ciência constitui um assumir humano da responsabilidade pelo futuro, e a

³ Motivação em Husserl se opõe à idéia de uma causalidade “natural” e significa a causalidade provocada pelo sentido mesmo que o objeto visado adquire. O significado motiva pessoalmente o sujeito a responder com operações e atos o que o significado, com seu horizonte próprio, é capaz de provocar. Os motivos envolvem a pessoa com as objetividades alcançadas criando condições de direção para o sujeito livre.

constituição de modos de esperança num horizonte que se mantém em aberto e com possibilidades marcadas pela infinitude. Para Husserl a possibilidade de falar em fundação implica em chegar à dimensão transcendental da constituição com um horizonte virtualmente infinito.

A razão é essencialmente uma realização teórica, mas uma teoria que se articula com a responsabilidade prática. O filósofo não é um funcionário da teoria, é um funcionário da humanidade, conforme a conhecida expressão do fundador da fenomenologia. Uma razão assim qualificada se revela plena de riscos e ambigüidades que fazem parte do processo mesmo de constituição. Além das evidências somos fatores heréticos de uma interminável, mas necessária, discussão sobre os fins da razão e da ciência.

Na fenomenologia generativa do último Husserl nós incorporamos em nosso mundo o mundo estranho e com ele impulso transformador da vida com suas potenciações da razão científica.⁴ Na fenomenologia generativa se constitui um nível de responsabilidade intersubjetiva e social. Não podemos deixar de ver aqui um certo sentido histórico da razão ética em Husserl em relação ao destino do ser humano e do mundo.

I – BRENTANO E A IDÉIA DE UMA CIÊNCIA RESPONSÁVEL.

O vínculo de Husserl com Brentano vai muito além da idéia de intencionalidade. Esse vínculo é muito mais amplo e seminal em relação à idéia mesma de filosofia e de função da razão. A idéia de ética e de ciência de Brentano teve um grande reflexo na formulação de Husserl. A idéia de ética em torno da relação dos sentimentos com os valores e da vontade com a prática, a preocupação com um mundo que tem direção (e não apenas causalidade mecânica cega), a tarefa infinita, são aspectos permanentes da ética husserliana que veio por herança de Brentano. Por outro lado, a idéia de uma *Wissenschaftslehre*, que se opõe à sua elaboração no espírito do neo-kantismo (além de Brentano, as obras de Lotze e de Bolzano são aqui centrais para a compreensão da visão husserliana, que tem seguramente, uma certa influência de Fichte), aparece como um dado essencial para a análise da crise das ciências. A ciência é uma constituição formal, de unidades que se entrelaçam, numa operação que envolve a intuição de conceitos e categorias que cooperam para uma unidade teórica: “Pertence à essência da ciência a unidade do complexo fundador, na qual mesmo um conhecimento específico se funda neste complexo mais profundo de fundação, que chamamos teoria e que sustenta a unidade sistemática do todo”⁵ A própria lógica em Husserl é desenvolvida como *Wissenschaftslehre*. A forma assume o papel teórico de regulação de todo conhecimento. Essa forma deve ter fundação real nas coisas mesmas e não em constituições puramente mentais. Além disso, desde o princípio, o discernimento das formas não deixam de ter um caráter teleológico o que, de certo modo, apresenta o mundo sempre como um projeto e com uma finalidade imanente, mesmo que tomado num horizonte infinito. “Se uma ciência é, de fato, ciência, se um método é de fato método, depende de que eles se conformem com o fim o qual se propõem”.⁶

Essa idéia de ciência é transposta, por analogia, para a constituição de uma ciência ética. A ética conjuga um reino de subjetividade e de objetividade específico, *sui generis*, de normatividade, com enlazes que constituem uma ciência em acordo com a *Wissenschaftslehre*, de inspiração aristotélicas que Husserl, em muitos aspectos, se aproxima de Fichte: “É de decisiva importância que toda disciplina normativa, e por analogia, que toda disciplina prática, se funde em disciplinas teóricas e as normas devem ter um valor distinto da idéia reguladora (deve ser), e cuja investigação científica precisamente é a tarefa das disciplinas teóricas”.⁷

⁴ Cf. especialmente a importante obra de Anthony Steinbock *Home and Beyond. Generative Phenomenology after Husserl*, Northwestern University, Evanston, 1995.

⁵ Cf. Husserl, E., *Logische Untersuchungen*, Bd I, p.15. As citações dessa obra seguem a 2ª ed. inalterada, Halle, Max Niemeyer, 1913.

⁶ LU, id. p.26

⁷ LU., id., p. 40.

Brentano visava uma filosofia e ética científica através de um método descritivo-evolutivo paralelo ao método das ciências naturais. Às origens intuitivas do conhecimento devem seguir-se processos indutivos (sem necessidades de nenhum formalismo puramente mental de tipo kantiano). As intuições originais são evidentes, mas não são suficientes para desenvolver uma ciência experimental.

De qualquer modo, Brentano abre a possibilidade de pensar em fundamentos imanentes e constituições primordiais que podem fundar os processos de ideação e de operações dóxicas. Essa influência decisiva para Husserl não o impede de seguir um caminho que diverge do de Brentano e no desdobramento de um método de exploração das intuições originárias estendido à reflexão dos elementos da intuitividade dos atos da consciência. A fundamentação brentaniana é, em última instância, metafísica e teológica. Husserl, sem negar a possibilidade da metafísica ou da teologia, procura uma fundamentação não-metafísica e não teológica da ciência, bem como constituição de um método compatível com essa extensão.

Essencial para entendermos a crítica de Husserl à ciência de seu tempo é o modo de fundação de toda ciência; as origens possuem um fundo teórico e transcendental. As origens puras do conhecimento não podem ser deduzidas de questões factuais e formam a base teórica subjacente à reflexão, a razão, a ciência, a ética, a estética.

O fundo transcendental e sua correlação egológica, longe de ser uma ilusão para Husserl, constitui um modo incontornável para a concepção da própria teoria da ciência.

A crítica à ciência em Husserl é crítica fundada e se sustenta no reconhecimento transcendental da instituição. O acesso à esfera pura da constituição, a *epoche*, abre uma investigação sobre as camadas transcendentais do conhecimento rigoroso. Cabe à reflexão fenomenológica recuperar as condições transcendentais que fazem da ciência um labor direcionado à constituição de um mundo justo. Sem essa investigação a ciência se fragmenta e obstrui sua consciência de direção, degradando-se a mera razão instrumental para objetivos imediatos. A reflexão transcendental visa dar à ciência a dimensão ética em escala e organização universal. A transformação da ciência em produto de interesses particulares provém de um ponto cego do objetivismo científico que separa a subjetividade filosófica do objeto científico. Sem a fundação teórica gera-se uma ciência no modelo do “racionalismo das Pirâmides”, segundo a observação irônica de Husserl, quando a ciência passa a depender de e obedecer a interesses de poderes particulares.

A crítica da ciência necessita, pois, de uma arqueologia que aproxime das condições originárias capazes de refazer o horizonte que possibilite uma crítica à ciência a partir de sua constituição mesma. O estudo das condições originárias da ciência vem entrelaçado com a analítica das motivações e dos sentimentos éticos.

Desde o início, a fenomenologia foi concebida como elucidação de condições prévias e da constituição a partir das vivências intencionais para se chegar ao reino do *logos* em toda sua pureza, e capaz de compreender a sua função na constituição do mundo. A relativização empírica e circunstancial da ciência não significa que a ciência perca toda a direção em relação à responsabilidade histórica com a humanidade. A ciência perdeu em motivações mais profundas em favor de incentivos que a circunstâncias e controlam conforme políticas localizadas.

Husserl cumpre o ideal de Brentano, ainda que os caminhos não sejam mais os do mestre de Viena. Talvez a crítica de Husserl à crise das ciências contemporâneas não tenha praticidade histórica imediata. Mas parece retomar um horizonte perdido de reflexão que entrelaça a ética com a ciência no seu núcleo construtivo mais profundo.

II- O DIAGNÓSTICO DE CRISE DAS CIÊNCIAS COMO UMA CRISE (MORAL) DA HUMANIDADE

A fenomenologia percorreu diferentes fases na crítica à ciência. Sua evolução mesma corresponde às fases que vão desde a mediação da psicologia até à inserção da ciência no solo vivido dos distintos mundos humanos. A impossibilidade de fundar a ciência na psicologia ou nas ciências empíricas levou à crítica radical do psicologismo e do positivismo.

Progressivamente Husserl se dá conta de que há um grave problema com a cultura científica, e inicia, de muitos modos, uma discussão de recuperação e renovação dessa cultura. Especialmente no período pós-guerra e, depois, no tempo dos artigos para a Revista Kaizo (Japão), essa crítica se aprofunda no sentido de mostrar que ela obstruiu sua relação viva com o solo fértil que a permitiu nascer. Somente uma nova forma de recuperar esse solo originário permite, segundo Husserl, identificar a vocação da razão e a vocação da ciência, bem como as motivações mais profundas do conhecimento científico.

A preocupação com a fundação ou com uma teoria da ciência aparece em Husserl como uma tarefa muito mais ampla que a pura tarefa teórica. A ciência moderna, fruto do iluminismo europeu, assentou suas bases numa teoria da experiência e num conceito de natureza matematicamente controlada que eliminou a possibilidade de uma perspectiva de integração da ciência com a própria vida e suas expressões. A ciência é ela própria a crise da razão, mergulhando a civilização em tempos obscuros.

A lógica transcendental e a fenomenologia se identificam na constituição de uma *Wissenschaftslehre* que ao mesmo tempo oferece um caminho para a fundação e redirecionamento das ciências.

A teoria da ciência deve promover um retorno ao solo que abandonado e enraizar-se progressivamente na vida subjetiva e no mundo vivido. A ciência não somente se constitui na vida subjetiva do ser humano como também no mundo vivido da experiência dos sujeitos. Em última instância a ciência nasce da experiência cotidiana que precede toda construção intelectual. A práxis pré-científica é o solo essencial que dá sentido à própria ciência.

A crítica mais extensiva à ciência é precisamente a que diz que a ciência perdeu a sua fonte original de sentido o que a torna simples instrumento. A via de recuperação radical passa por uma busca da primigêinidade e das condições ante-predicativas que, para Husserl, só são possíveis nas condições transcendentais de vida do espírito. A fenomenologia transcendental se constitui como ciência desse fundo originário das ciências. A crise das ciências européias só pode ser plenamente abordada pela fenomenologia transcendental, ela mesma a nova ciência que, segundo Husserl, alcança o solo último da integração da subjetividade e da objetividade e de suas mútuas relações.

A crise das ciências é também a crise da filosofia. A crise da filosofia, a perda do seu rigor e suas origens, representa o extravio do conhecimento de seu caminho próprio de evidenciação. Como se expressa Tieszen⁸ estabeleceu-se uma luta entre a ciência como triunfo do espírito humano e a ciência como triunfo dos instrumentos. A ciência ao bloquear as suas raízes com o mundo vivido reduziu o mundo a um objeto a ser medido e a razão a um instrumento de medição e de controle. A ciência é vista como poder de dominação da natureza e simples instrumento a serviço dos interesses dominantes do ser humano. Essa visão foi claramente expressa por Bacon, Descartes e Kant. A tarefa do espírito humano hoje caminha no sentido inverso de criticar a alienação da ciência em relação à vida como sua constituição-base. A ciência adquiriu uma independência em relação à vida que se transformou em dependência dos poderes que lhe são estranhos à vocação.

O retorno às fontes originárias nos remete as formações do solo de *Lebenswelt* e à instituição de uma subjetividade responsável que progressivamente assume e determina o seu destino. A perda da visão teleologia inscrita em várias camadas de sedimentação na própria consciência e sua delimitação é comparável à interpretação da história sem nenhuma sedimentação social e intersubjetiva da história mesma. Assim como a psicologia concebeu uma psicologia sem espírito, a história foi concebida sem tradição. A ciência perdeu o horizonte de vocação para

⁸ Tieszen, Richard, *Mathematical Intuition: Phenomenology and Mathematical Knowledge*, Boston, Kluwer, 1989; Cf especialmente, "Science as a Triumph of the Human Spirit and Science in Crisis: Husserl and the Fortunes of Reason" a aparecer em *Continental Approaches to Science*, Blackwell, G. Gutting (eds) e "Science within Reason: Is There a Crisis of the Modern Sciences?", in *Analysis and Synthesis in Mathematics*, M. Otte and M. Panza (eds.) (Dordrecht: Kluwer, 1997), Boston Studies in the Philosophy of Science, 243-259.

responder ao próprio movimento de consciência espiritual e, em razão disso mesmo, reduzir-se a uma corrida para alcançar o domínio do mercado ou o domínio pelas armas.

A crise das ciências se caracteriza por assumir um caráter instrumental, uma redução da ciência a procedimentos e uma produção de resultados cuja demanda não é mais da comunidade científica e que não pergunta mais nem pela função da ciência na sociedade humana. Fica reduzida a um instrumento para resolver problemas factuais. O cientista se distanciou da vocação e transformou-se num técnico. A motivação fundamental da ciência cedeu lugar a incentivos externos, muito diferentes em natureza a motivação originária. A racionalidade genuína, integrada com a vida, cedeu lugar, primeiramente ao racionalismo abstrato da conquista do mundo pela razão, depois ao racionalismo instrumental e relativista de resposta a demandas puramente circunstanciais.

A ciência alcança hoje a violência mais extrema de intervenção na realidade, sem igual desenvolvimento humano que possibilitaria o amadurecimento de uma ciência responsável. A ciência-técnica atinge situações paradoxais e se formam dilemas que a técnica mesma não tem condições de responder. O diagnóstico husserliano da ciência moderna é dramaticamente comprovado.

A ciência responsável ou a vocação da razão cede espaço ao cientificismo cego, em última instância, o irracionalismo travestido de ciência. A profundidade, ou o rigor, é travestidos de “especialização” científica.

Tem sido estudado o modo de como Husserl, em seu último período, amplia a idéia de responsabilidade na constituição da subjetividade. Em primeiro lugar, deve ficar claro que a subjetividade humana intencional se constitui essencialmente como responsabilidade. Todo conhecimento é motivado. Em segundo lugar, é importante precisar que, para Husserl, “responsabilidade significa apropriação do próprio sistema protencional”⁹. Essa caracterização da responsabilidade em termos husserlianos é essencial. Significa que nós assumimos progressivamente o projeto de direção ética do conhecimento e que, de certo modo, somos essencialmente voltados para o futuro como nosso horizonte de responsabilidade. Conhecimento é uma realidade que deve ser estudada com aspectos que geralmente lhe são vistos como estranhos: motivação, sentimento, valores éticos, vocação, liberdade, tarefa, normatividade ética, dever, etc. E em terceiro lugar, a responsabilidade embora tenha o foco na consciência e no sujeito enquanto pessoa, pelas relações de constituição com de síntese passiva e relação com a presença ativa de outras individualidades (generatividade) nossa responsabilidade pessoal é sempre co-responsabilidade no horizonte protencional.

A responsabilidade ética da ciência em relação ao futuro necessita ser retomada. O caminho husserliano para reimplantar a ciência no mundo vivido e em sua constituição essencialmente responsável é voltar a análise para o mundo precategorial de sua formação. É no mundo vivido que encontramos as mediações essenciais e as categorias que abrem a possibilidade de uma compreensão ética e do significado da ciência. Só esse retorno pode, segundo Husserl, salvar a ciência do ceticismo, do irracionalismo, do misticismo.

A filosofia é uma ciência das ciências capaz de promover a busca contínua e nunca acabada da unidade e diálogo entre as ciências particulares no encontro no mundo vivido, segundo o ideal infinito de racionalidade. Trata-se de descobrir e abrir o que foi obstruído e criar as condições para a manifestação do sentido em sua dimensão natural e histórica mais ampla: o mundo adquire sentido de acordo com um telos e do movimento que encarna uma teleologia. Aqui, temos um aspecto em que Husserl revela-se quase hegeliano. Revelar a auto-consciência, a auto-fundação, a auto-constituição e a fundação transcendental é um intento epistemológico de uma teoria da ciência que inclui modos intencionais que visam valores e normas éticas como fundo ideado da prática e do agir humano.

Em termos marxistas a denúncia que Husserl faz da crise da ciência poderia ser dita, a sua fetichização. O momento chave dessa fetichização é visto por Husserl dentro da própria concepção de ciência moderna, tipificada em Galileu. Quando a ciência é concebida como uma

⁹ Mourgal, J. “Husserl and The Future: Temporality, Historiality and Responsibility in his Later Work,” p.5, conferência na República Tcheca em 2002, promovida pela O.P.O., e disponível no site – The Organization of Phenomenological Organization.

forma de matematização da natureza, num só golpe duas oclusões acontecem: 1) a subjetividade e suas operações de dar sentido ao mundo; 2) redução do objeto da ciência a fatos matematizáveis. A ciência é arrancada violentamente de seu solo e o mundo reduzido a uma máquina que pode sofrer contínuas intervenções através da imaginação tecnologizante.

A responsabilidade, componente essencial da subjetividade, ficou reduzida na ciência, a um papel instrumental. Por outro lado, o avanço da ciência significa ampliar profundamente a capacidade humana de assumir a direção que o mundo vivido possibilita. Essa equação de redução de responsabilidade e aumento de capacidade de direção do processo constitui a perigosa relação entre ciência o sistema de poderes de nossa sociedade. Essa equação tem nos levado a contradições aparentemente sem saída como o aquecimento global, as relações da ciência de manipulação genética com as demandas de mercado, o desemprego produzido por relações sistemáticas que não oferecem respostas para o problema, a destruição do meio ambiente e dos recursos naturais, etc.

A ciência responsável cede lugar às relações de responsabilidade apenas intra-sistêmicas e sem capacidade de crítica e de transformações éticas. Resta saber se as contradições elevadas ao paroxismo serão capazes de obrigar ao sistema a mudanças radicais ou se a loucura se estenderá até às catástrofes globais.

Como o retorno ao mundo vivido significa uma resposta ética, segundo Husserl?

O retorno ao mundo vivenciado é o retorno às fontes de sentido em toda a sua amplitude. Essa amplitude inclui chegar às condições de puras e originárias da fenomenologia transcendental. É no mundo vivido que se dá a constituição da responsabilidade pela razão e pelo conhecimento. No mundo vivido as condições primordiais e as formações prévias, antepredicativas, aparecem em sua pureza fenomenológica. As condições pré-reflexivas que fundam as condições reflexivas são elas mesmas fundadas pelas condições transcendentais primigênicas marcadas pelo prefixo alemão *Ur-* na linguagem fenomenológica husserliana. No mundo vivido retomamos as motivações mais profundas do ser humano e da humanidade. É também no mundo vivido que a motivação mais profunda da ciência aparece com sentido e capaz de caracterizar o cientista como “funcionário da humanidade”.

BIBLIOGRAFIA

1. Husserl, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, Halle, Max Niemeyer, 1913
2. Husserl, E., *Logische Untersuchungen*, Bd I, p.15. 2ª ed. inalterada, Halle, Max Niemeyer, 1913.
3. Husserl, E. *Renovación del hombre y de la cultura. Cinco ensayos.*, Anthropos, Madrid, 2002.
4. Cavalieri, Edebrando, *A via a-téia para Deus e a constituição de uma ética teleológica a partir do pensamento de Edmund Husserl*, Tese de Doutorado defendida no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, SBC, 2005.
5. Steinbock, Anthony *Home and Beyond. Generative Phenomenology after Husserl*, Northwestern University, Evanston, 1995.
6. Tieszen, Richard, *Mathematical Intuition: Phenomenology and Mathematical Knowledge*, Boston, Kluwer, 1989.
7. Tieszen, Richard, "Science within Reason: Is There a Crisis of the Modern Sciences?", in *Analysis and Synthesis in Mathematics*, M. Otte and M. Panza (eds.) (Dordrecht: Kluwer, 1997), Boston Studies in the Philosophy of Science, 243-259.

8. Mural, J. “Husserl and The Future: Temporal, History and Responsibility in his Later Work,” conferência na República Tcheca em 2002, promovida pela The Organization of Phenomenological Organization, e disponível em seu site.